

Falem de Batalhas, de Reis e de Elefantes

Por Linair

O livro *Falem de batalhas, de reis e de elefantes* (Mathias Énard, 2013) é um romance que mistura história e ficção. O próprio autor apresenta os fatos, pessoas e lugares reais sobre os quais é construída a obra. É um trabalho de pesquisa riquíssimo do ponto de vista histórico, geográfico, cultural e de costumes aos quais o autor dá a necessária coerência para capturar o leitor no quadro de sentidos e significados intentados por ele. Nesse caso, o autor lida com uma gama de conceitos, referências, lugares e vocabulário que proporcionam ao leitor um rico contato com o contexto da época e que, embora incrustados artificialmente na narrativa, erigem uma torre que sustenta a obra literária em elementos reais.

Certamente, uma mente do século XXI não conseguirá acessar todos os sentidos que moviam a vida, a arte, o amor e o poder de longínquos cinco séculos atrás, embora saibamos que Mathias Énard tem consistentes conhecimentos e experiências com o contexto abordado. Porém, consideramos a plausibilidade porque, também, compartilhamos de muitos dos sentidos explorados, que estão expressos em obras artísticas e fontes históricas sobre a personagem e o contexto.

O livro não fala de um fato ou pessoa qualquer, mas de Michelangelo o genial escultor e pintor, criador de obras inigualáveis, como o teto da Capela Sistina. Se a vida de Michelangelo nos atrai por si só, a obra nos captura para uma interessante dimensão, que envolve os sentimentos que nos movem, e que são os mesmos em qualquer tempo, o ciúme incontido de Mesih, a paixão pela dançarina, as rivalidades entre Michelangelo e Leonardo Da Vinci, os desentendimentos com Sua Santidade, a inveja, as intrigas, os afetos que, mais que a ordem de um sultão ou de um papa, têm o poder de mudar a história e as histórias, mesmo que a História não seja construída por eles.

Esse não é o primeiro livro de ficção contextualizada em fatos históricos que lemos este ano. *A Promessa* (Damon Galgut) servia-se do contexto pós Apartheid, *A mulher que amou Fernando Pessoa* (Nelson Carvalho) é contextualizado na Lisboa do poeta; e *As horas* (Michael Cunningham) retrata parte da vida e da obra de Virgínia Wolf, que viveu no início do século passado.

Entre tantos motivos de fruição que essas obras nos dão, elas redimensionam o conhecimento do tempo histórico, de personagens, pessoas e fatos que já temos, com o poder de criar um novo campo de interpretação, ressignificando o que já sabemos sobre eles. Nesse sentido, *Falem de batalhas, de reis e de elefantes* enriquece o que sabemos sobre Michelangelo e, embora sendo fictício, certamente marcará nossa concepção sobre o gênio que esculpiu a Pietá e Davi ou preencherá as lacunas do que dispomos para compor nosso próprio conceito sobre ele. Certamente, teremos novas formas de representar, pensar e conceber o artista, agora, povoadas pelos acontecimentos imaginários de maio de 1506.